

# CONSULTORIA DOCTRINARIA

## SEGURO DE VIDA

*Em Test. Seletos, vol. I, pp. 176 e 177, a Sra. White condena os seguros de vida. Por que se fazem seguros em nossas instituições? — L. R.*

Para responder, vamos transcrever um resumo do texto originado numa mesa-redonda, presidida pelo Pastor Arthur L. White (neto da Sra. White), realizada em 1959. "Não é uma pergunta a que se responda de maneira sumária com um Sim ou Não. Vivemos numa época complexa, há quase cento e vinte anos depois que a Sra. White escreveu sobre o seguro de vida. Tal seguro, como existe hoje, não era conhecido nos dias em que ela viveu. Temos então de considerar a espécie de seguro de vida a que ela se referiu.

Ela abonou o seguro contra fogo, recomendando-o até para nossos templos e prédios das instituições. Entre outros, há este trecho: "Diz o irmão Palmer que lhe escreveu sobre o seguro. Se a casa não está segurada, deve sê-lo imediatamente". — Carta 40, 1884.

O capítulo 65 de *O Lar Adventista* prima em recomendar poupança para os dias difíceis do futuro ou em casos de enfermidade.

O seguro de vida hoje tem um conteúdo totalmente diferente do que existia no tempo em que a irmã White escreveu o artigo, e mesmo em todo o período em que ela escreveu. Devemos ter em mente uma incisiva declaração da serva do Senhor quanto ao emprego dos testemunhos: "Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada. O tempo e o lugar, porém, têm que ser considerados". — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 57. Os princípios não mudam, mas a aplicação dos princípios pode alterar-se sob circunstâncias mutáveis. Para ilustrar: em 1905 a irmã White aconselhou nossas irmãs em

Loma Linda que, no interesse da saúde, deviam encurtar as saias. Ora, essa declaração tem de ser entendida considerando-se o comprimento das saias que as mulheres usavam naquela época. É preciso ter em vista as condições existentes na época em que os conselhos foram escritos. O princípio, porém não muda. "As instruções dadas nos primeiros tempos da mensagem devem ser conservadas como instruções dignas de confiança para se seguirem nesses seus dias finais". — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 41. O seguro de vida, nos dias em que a serva do Senhor escreveu contra ele, era em sua maior parte, um jogo. As companhias que o exploravam não eram dignas de confiança. Surgiam e faliam, e eram conhecidas como arapuzas contra os incautos. E atraíam os que desejavam tornar-se ricos bem depressa. Só na década de 20 é que, nos Estados Unidos especialmente as companhias de seguros passaram a ser controladas, legalizadas e fiscalizadas pelo governo. O teor dos seguros passou a basear-se em princípios corretos, de serviços e investimentos. Falamos dentro do conceito secular. Mas, em 1867, quando a Sra. White escreveu seu artigo, o chamado seguro de vida não estava assim estruturado, mas tinha a forma de um jogo, de um esquema de possibilidade de riqueza rápida. Um cidadão subscrevia um seguro de vida sobre outra pessoa, sem necessidade de se preocupar com o real 'asseguramento'. Por exemplo, houve até quem subscrevesse um seguro de vida sobre a esposa do Presidente dos Estados Unidos. Era um jogo, uma aposta, que se fazia também sobre pessoas idosas recolhidas em asilos. Se essas pessoas morressem dentro do prazo do 'seguro', os investidores no tal 'seguro' ganhavam (uma 'bolada' que era rateada entre eles). Se não morressem, então os subscritores perdiam. Usamos estes

fatos para demonstrar como funcionava o seguro no tempo em que a Sra. White escreveu. E ela escreveu contra a tentação de alguns adventistas que queriam tornar-se ricos rapidamente. A Igreja Adventista jamais tomou algum voto em relação ao seguro de vida. Há certos assuntos que devem ser deixados à própria decisão da pessoa.

A denominação adventista, em 1911 instituiu seu Fundo de Aposentadoria para os obreiros. É uma forma previdenciária para amparar aqueles que se desgastaram no trabalho de Deus e, na velhice, devem ter um amparo material. Posteriormente surgiram outras formas de seguro, como o de acidentes, o de saúde, o de carros. Inscrevemo-nos na previdência social do governo [no Brasil é o INPS], e até investimos em contas de poupança.

Para concluir: o artigo no *Test. Seletos* adverte quanto ao esquema de enriquecimento rápido, o que enfraquece a fé e a confiança em Deus. Quanto ao seguro de vida hoje, cada pessoa deve pôr esta questão entre ela e Deus. Jamais dissemos a algum membro de igreja que abandonasse sua apólice de seguro de vida; também, a quem se julga impedido de fazer seguro de vida, não aconselhamos a mudar seu comportamento".

## EXISTE PREDESTINAÇÃO?

*Lendo-se atentamente Rom. 8:28-30, parece fundamentada a doutrina da eleição bíblica nos moldes calvinistas. Estará mesmo predeterminada nossa salvação ou nossa condenação? — L. K.*

Este delicado assunto comportaria muitas considerações de ordem teológica que não cabem no limitado espaço desta coluna. Há textos que realmente nos embaraçam e parecem abonar a doutrina dos decretos irreversíveis de Deus. Entretanto, o assunto poderá

melhor ser entendido partindo desta premissa: Deus predestina caráter, e não pessoas. Caráter que Deus possa usar e desenvolver dentro de Seu plano. Cada nome escrito no livro da vida do Cordeiro (Apoc. 13:8) desde antes da fundação do mundo, é nome de um caráter. Assim são eles inscritos no livro da vida. Desses vários caracteres Deus chama Seus filhos. Essas pessoas vivem aqui na Terra, neste tempo da graça. O caráter está no livro da vida desde o princípio. De um desses caracteres inscritos no livro da vida Deus chamou Caim, por exemplo. Caim, contudo, fracassou, e alguém foi chamado para tomar-lhe o lugar. Isto está claro em Apoc. 3:11: "Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa". Esse "tomar" significa substituição. Certamente Deus não nos admoestaria dessa forma, a menos que estivéssemos em perigo.

Tendo em mente esta verdade, isto é, que Deus elege caracteres e não pessoas, não é difícil entender-se mesmo textos difíceis como Rom. 9: 18-23, onde Paulo fala de "vasos de ira, preparados para a perdição" em contraposição a "vasos de misericórdia, para a glória que preparou de antemão". Ambos os tipos de vasos foram eleitos, como caracteres, mas os de ira não permaneceram na condição de graça para que se desenvolvessem dentro do plano divino. Nestes textos apresenta-se o soberano poder de Deus, Seu direito de agir, Sua longanimidade, Sua bondade. Poderíamos exemplificar com o caso de Faraó. Ele não nasceu predeterminado para destruir os israelitas, mas Deus consentiu que subisse ao trono para que Ele (Deus) pudesse demonstrar Seu poder e Sua glória através de Faraó. Faraó teve o privilégio de presenciar o poder e a glória de Deus. Entretanto tais prodígios poderiam ser demonstrados por sua obediência a Deus, como o fez Nabucodonosor. Faraó, porém, não agiu assim e, conseqüentemente, foi atingido e destruído pela poderosa mão do Senhor. Contudo, mesmo assim foram demonstrados o poder e a glória divinos. Os objetivos de Deus foram alcançados. E o seriam com ou sem Faraó.

Outro ponto a considerar: que o destino de cada alma não é prefixado se evidência